

Aspectos do tabaco e do cauim no Brasil quinhentista.

Fernando Marques de Mello Jr ¹
Marcelo Fidelis Kockel ²

RESUMO:

Em linhas gerais, a proposta desse trabalho é analisar o que foi escrito e publicado sobre a produção e consumo do *cauim* - bebida dos nativos brasileiros - e do *tabaco* - planta nativa americana - no Brasil quinhentista. Utilizando-se de relatos de viajantes do período - Staden, Léry, Barré - e também de descrições e tratados deixados por portugueses - Gabriel Soares de Sousa e Fernão Cardim - pretendemos apontar como se construiu, em tais registros, a imagem social do *cauim* e do fumo.

Palavras chaves: cauim, tabaco, escritos quinhentistas.

Introdução.

O presente trabalho é o resultado parcial de duas pesquisas em andamento: *A aguardente de cana no período colonial brasileiro*, realizada por Marcelo Fidelis Kockel, e *Tabaco no Brasil Colonial: Aspectos sócio-culturais do fumo na América Portuguesa*, de Fernando Marques de Mello Júnior. Ambos os trabalhos inserem-se no projeto *A Construção do Brasil em língua portuguesa (1551-1808)*, coordenado pelo professor Jean Marcel Carvalho França, que, em linhas gerais, pretende analisar a produção dos discursos em língua portuguesa a respeito do país e de sua gente até o desembarque da corte joanina no porto carioca em 1808.

Assim como os discursos em língua portuguesa, os relatos de viajantes contribuíram para estabelecer o que poderíamos denominar como um padrão discursivo sobre o viver brasileiro. Dentro desta perspectiva, propomos demonstrar o que foi escrito e publicado sobre a produção e o consumo do *cauim* – bebida dos nativos brasileiros – e do *tabaco* – planta nativa americana – no Brasil do quinhentos. Utilizando-se de relatos de viajantes do período – Staden, Léry, Barré – e também de descrições e tratados deixados por portugueses - Gabriel Soares de Sousa e Fernão

¹ Graduando do curso de História da UNESP – Campus Franca.

² Graduando do curso de História da UNESP – Campus Franca.

Cardim – pretendemos apontar o que foi construído, por esses autores, sobre o cauim e o fumo na sociedade de então.

Para o historiador Temístocles Cezar,

Os relatos quinhentistas formam um conjunto de ensaios cujas informações contribuíram à sistematização de conhecimentos sobre o Brasil. Tais relatos, ao descreverem os homens, a natureza, os animais, ao criarem taxonomias, fazerem projeções cartográficas, desenharem, batizarem, assumem a condição de registros fundadores (...) É a visão do não europeu, do não cristão, do “outro”.³

Nesse sentido, compartilhando da idéia de *construção* do Brasil a partir das narrativas de viagens⁴ e dos escritos coloniais portugueses⁵, defendida pelo historiador Jean Marcel Carvalho França, pretendemos verificar a *construção* dos relatos quinhentistas, *registros fundadores*, como aponta Temístocles Cezar, sobre a utilização do cauim e do tabaco pelos nativos no Brasil do quinhentos.

É importante ressaltar que, amparado no pensamento de Michel Foucault, temos, de fato, uma crença no documento, não uma crença que diz respeito à veracidade de tal registro sobre a realidade da época, mas uma crença em que o registro, como discurso com pretensões a verdade, mostra como determinado grupo da sociedade quinhentista constrói a realidade brasileira da época para si próprio.⁶

Caiunagem: a bebedeira dos nativos na visão dos autores quinhentistas.

*Chamam os selvagens á sua bebida cauim;
é turva e espessa como borra e tem gosto de leite azedo,
havendo-o de duas qualidades, vermelho e branco*
Jean de Léry, Viagem a Terra do Brasil.

³ CEZAR, Temístocles. ***Registros fundadores: as primeiras visões de estrangeiros.*** História Viva (São Paulo) v. 1, p. 52-57, 2010.

⁴ FRANÇA, Jean Marcel Carvalho. ***A construção do Brasil na Literatura de viagem dos séculos XVI, XVII e XVIII.*** 1. ed. Rio de Janeiro: José Olympio Editora; Editora da Unesp, 2010. v. 1. 543 p. *no prelo*

⁵ Projeto de pesquisa em andamento: ***A Construção do Brasil em língua portuguesa (1551-1808)***, coordenado pelo professor Jean Marcel Carvalho França.

⁶ FOUCAULT, Michel. ***A Ordem do Discurso.*** São Paulo: Edições Loyola, 1996.

Consumido em diferentes momentos da vida social dos nativos, o vinho chamado *cauim*, segundo os escritos quinhentistas consultados – cronistas portugueses e viajantes estrangeiros - provinha de diferentes raízes, frutas e plantas. As mais apreciadas fontes para a produção da bebida provinham das raízes da mandioca, do sumo do caju e do milho.

Gabriel Soares de Souza, cronista português que esteve no Brasil entre os anos de 1565 e 1569, aponta o uso do milho e do caju na produção de tal bebida. Segundo o autor, em seu *Tratado Descritivo do Brasil em 1587*,

Os cajus silvestres travam junto do olho que se lhes bota fora, mas os que se criam nas roças e nos quintais comem-se todos sem terem que lançar fora por não travarem. Fazem-se estes cajus de conserva, que é muito suave, e para se comerem logo cozidos no açúcar cobertos de canela não têm preço. Do sumo desta fruta faz o gentio vinho, com que se embebeda que é de bom cheiro e saboroso.⁷

Quanto à utilização do milho, escreve o autor: “este milho come o gentio assado por fruto, e fazem seus vinhos com ele cozido, com o qual se embebedam e os portugueses que comunicam com o gentio, e os mestiços não se desprezam dele, e bebem-no mui valentemente”.⁸

Apesar da utilização do milho e do caju na produção da bebida nativa, conforme aponta Gabriel Soares de Souza, o *cauim* extraído do caldo da mandioca é o mais destacado pelos autores quinhentistas. Segundo o aventureiro alemão, Hans Staden, que esteve no Brasil entre 1548 e 1555,

Usam raízes de mandioca e cozem-nas em grandes panelas. Quando está cozido, retiram a mandioca das panelas, despejam-na em outras panelas ou

⁷ SOUZA, Gabriel Soares de. *Tratado Descritivo do Brasil em 1587*. [me] Ministério da Educação. p. 187. Obra em domínio público – Domínio Público. Biblioteca digital desenvolvida em software livre.

⁸ SOUZA, Gabriel Soares de. *Tratado Descritivo do Brasil em 1587*. [me] Ministério da Educação. p. 182. Obra em domínio público – Domínio Público. Biblioteca digital desenvolvida em software livre.

vasos e deixam que esfrie um pouco. A seguir, meninas sentam-se ao redor e a mastigam; colocam o mastigado num vaso especial.

Quando todas as raízes foram mastigadas, colocam o mastigado novamente na panela, despejam água por cima, misturam ambos, e deixam ficar quente de novo.

Então há vasos especiais que enterram pela metade dentro da terra e que usam como se usam por aqui barris para vinho e cerveja. Despejam a massa dentro e fecham-nos bem. Então a fermentação ocorre sozinha e a massa fica forte. Deixam-na em repouso durante dois dias.⁹

Semelhante a esse relato de Staden encontra-se o relato de Jean de Léry, viajante que esteve no Brasil durante a tentativa francesa de colonização – A França Antártica - no Rio de Janeiro, entre 1555 e 1567.

Segundo o missionário protestante,

As raízes do aipim e da mandioca, além de servirem para o preparo do alimento básico dos índios, servem para o da sua bebida usual. Depois de as cortarem em rodela fina, como cá fazemos aos rabanetes, as mulheres as fervem em grandes vasilhas de barro cheias d'água, até que amolleçam; depois mastigam essa massa e, em vez de a engulir, lançam-na em outra vasilha e lhe dão nova fervura, mexendo-a com um páo até que chegue a certo ponto. Feito isso tiram do fogo a pasta e a deixam fermentar em vasos de barro de capacidade igual a uma meia pipa de vinho de Borgonha. Logo que o depósito fermenta e espuma, cobrem os vasos e fica a bebida pronta para o uso.¹⁰

Reforçando as descrições de Staden e Léry, Gabriel Soares de Souza assevera:

Este gentio é muito amigo do vinho, assim machos como fêmeas, o qual fazem de todos os seus legumes, até da farinha que comem; mas o seu vinho principal é de uma raiz a que chamam aipim, que se coze, e depois pisam-na e tornam-

⁹ STADEN, Hans. *Duas viagens ao Brasil: primeiros registros sobre o Brasil*. Trad. Angel Bojadsen. Int. Eduardo Bueno. Porto Alegre: L&PM, 2010. p. 146.

¹⁰ LÉRY, Jean de. *Viagem à Terra do Brasil*. Trad. Monteiro Lobato. Companhia Editora Nacional, 1926. Obra em domínio público - Texto digitado e editado, em html, por almanaque PK.

na a cozer, e como é bem cozida, buscam as mais formosas moças da aldeia para espremer estes aipins com as mãos e algum mastigado com a boca, e depois espremido na vasilha, que é o que dizem que lhe põem a virtude, segundo a sua gentilidade; a esta água e sumo destas raízes lançam em grandes potes.¹¹

Todos os três autores quinhentistas apontam à produção da bebida a partir da fermentação da mandioca cozida e mastigada por jovens nativas. Tal preparo cabe exclusivamente às mulheres. “São as mulheres que preparam as bebidas”.¹², “são as mulheres que tudo fazem neste fabrico de bebidas, sem distincção entre solteiras e casadas, tendo os homens a firme opinião de que se mastigarem elles as raízes ou o milho, a bebida não sahirá boa”.¹³

Segundo Hans Staden, são as mulheres, também, que servem as bebidas¹⁴, mas essas não se restringem somente a servir e produzir o vinho, participam, elas também, da bebedeira. “A bebedeira dura à noite toda”.¹⁵, acompanhada de festa, os nativos “bebem com grandes cantares, e cantam e bailam toda uma noite”.¹⁶

Segundo Jean de Léry, para “beber e caunar, o que constitui sua ocupação ordinária, procuram algo que os anime”.¹⁷ De tal modo, afirma o autor:

Para melhor excitarem o cerebro, cantam, assobiam, incitam-se uns aos outros a portarem-se valentemente e fazerem muitos prisioneiros na guerra; e,

¹¹ SOUZA, Gabriel Soares de. *Tratado Descritivo do Brasil em 1587*. [me] Ministério da Educação. p. 311. Obra em domínio público – Domínio Público. Biblioteca digital desenvolvida em software livre.

¹² STADEN, Hans. *Duas viagens ao Brasil: primeiros registros sobre o Brasil*. Trad. Angel Bojadsen. Int. Eduardo Bueno. Porto Alegre: L&PM, 2010. p. 146.

¹³ LERY, Jean de. *Viagem à Terra do Brasil*. Trad. Monteiro Lobato. Companhia Editora Nacional, 1926. Obra em domínio público - Texto digitado e editado, em html, por almanaque PK.

¹⁴ STADEN, Hans. *Duas viagens ao Brasil: primeiros registros sobre o Brasil*. Trad. Angel Bojadsen. Int. Eduardo Bueno. Porto Alegre: L&PM, 2010. p. 146.

¹⁵ STADEN, Hans. *Duas viagens ao Brasil: primeiros registros sobre o Brasil*. Trad. Angel Bojadsen. Int. Eduardo Bueno. Porto Alegre: L&PM, 2010. p. 146.

¹⁶ SOUZA, Gabriel Soares de. *Tratado Descritivo do Brasil em 1587*. [me] Ministério da Educação. p. 311. Obra em domínio público – Domínio Público. Biblioteca digital desenvolvida em software livre.

¹⁷ LERY, Jean de. *Viagem à Terra do Brasil*. Trad. Monteiro Lobato. Companhia Editora Nacional, 1926. Obra em domínio público - Texto digitado e editado, em html, por almanaque PK.

enfileirando-se como grous, não cessam de dançar, de entrar e sahir das casas até que a festa se conclua pelo exgottamento da bebida.¹⁸

Fernão Cardim, jesuíta português que esteve no Brasil entre 1583 e 1601, afirma que os “bêbados fazem muitos desmanches, e quebrão as cabeças uns aos outros, e tomão as mulheres alheias”.¹⁹ Tal idéia é reforçada pelo, também português, Gabriel Soares de Souza. Segundo o autor, “faz desatino nessas bebedices, esse é o mais estimado dos outros, nos quais se fazem sempre brigas; porque aqui se lembram de seus ciúmes, e castigam por isso suas mulheres”.²⁰

Os aspectos sócio-culturais do tabaco na visão dos autores quinhentistas.

Em vista das virtudes que lhes são atribuídas goza essa erva de grande estima entre os selvagens; colhem-na e a preparam em pequenas porções que secam em casa. Tomam depois quatro ou cinco fôlhas que enrolam em uma palma como se fôsse um cartucho de especiaria; chegam ao fogo a ponta mais fina, acendem e põem a outra na bôca para tirar a fumaça
Jean de Léry, Viagem à Terra do Brasil.

Erva nativa do continente americano o tabaco, ou petyn, do tupi, (também chamado de betum, petema, peti, petigma, petima, petume, pitima, pituma, potum, petum)²¹ aparece em diversos documentos referentes à incursões estrangeiras no continente americano. Estranha e ao mesmo tempo fascinante aos olhos europeus, o tabaco, que em pouco tempo ganharia o aguçado gosto europeu, causou tamanha admiração e encanto, daí não ser difícil encontrar relatos sobre a erva nos documentos quinhentistas.

¹⁸ LERY, Jean de. **Viagem à Terra do Brasil**. Trad. Monteiro Lobato. Companhia Editora Nacional, 1926. Obra em domínio público - Texto digitado e editado, em html, por almanaque PK.

¹⁹ CARDIM, Fernão. **Tratados da terra e gente do Brasil**. Rio de Janeiro: J. Leite & Cia, 1925. p. 165-6.

²⁰ SOUZA, Gabriel Soares de. **Tratado Descritivo do Brasil em 1587**. [me] Ministério da Educação. p. 311. Obra em domínio público – Domínio Público. Biblioteca digital desenvolvida em software livre.

²¹ FRANÇA, Jean Marcel C. **O discreto gosto pelo cânhamo**. BrHistória, v.5, 2007.

Hans Staden, artilheiro, cronista e mercenário alemão, que fizera duas viagens às terras portuguesas no continente americano, foi um dos primeiros viajantes a fazer menção ao tabaco, ou bittin. O jovem alemão, que passara pelas terras luso-americanas entre os anos de 1548 e 1555, notara a presença da erva, até então desconhecida para o mesmo, em rituais religiosos dos nativos. Desta forma, o autor descreve um ritual mágico-religioso onde os nativos, “Uma vez todos reunidos, toma o adivinho cada Tammaraka de per si, e o defuma com uma herva, a que chamam Bittin”²².

Mas o tabaco não despertou a atenção somente do aventureiro alemão. Jean de Léry, pastor protestante francês, que esteve em território além-mar durante a tentativa frustrada da ocupação francesa na baía de Guanabara – a chamada França Antártica (1555-1567) –, observou, assim como Hans Staden, a utilização do petun nas cerimônias religiosas indígenas, conforme explicita na seguinte passagem:

Os caraíbas não se mantinham sempre no mesmo lugar como os outros assistentes; avançavam saltando ou recuavam do mesmo modo e pude observar que, de quando em quando, tomavam uma vara de madeira de quatro a cinco pés de comprimento em cuja extremidade ardia um chumaço de petun e vontavam-na acesa para todos os lados soprando a fumaça contra os selvagens e dizendo: “Para que vençais os vossos inimigos recebei o espírito da fôrça”. E repetiam-na por varias vêzes os astuciosos caraíbas.²³

O tabaco não chamou a atenção estrangeira somente pela sua utilização nas “curiosas” cerimônias religiosas realizadas pelos nativos. As inúmeras propriedades medicinais a ele atribuídas também mereceram consideráveis paginas dos escritos do século XVI.

Compatriota de Jean de Léry, Nicholas Barré, piloto francês que esteve presente também na fracassada tentativa francesa nas terras da baía de Guanabara, notou aspectos importantes das propriedades medicinais atribuídas ao petume. Conforme escrito nas duas cartas remetidas aos familiares em Paris, o piloto francês, que esteve

²² STADEN, Hans, 1525-1526. *Viagem ao Brasil. Rio de Janeiro*: Oficina Industrial Graphica, 1930, p. 154.

²³ LÉRY, Jean de, 1534-1611. *Viagem à terra do Brasil*. São Paulo: Martins: EDUSP, 1972, p. 164.

em missão no território luso-americano durante os anos de 1555 e 1556, deixou registrado que “os nativos, após limpá-la e extrair-lhe o suco, transformam num alimento capaz de sustentar um homem por oito ou nove dias.”²⁴.

Tal virtude do tabaco, poderoso alimento que sustenta e sacia a fome, também foi notado por Léry. Segundo relato do missionário francês, “experimentei a fumaça do petyn e verifiquei que ela sacia e mitiga a fome.”²⁵. Além disso, o pastor protestante francês verificou que “os selvagens também usam o petyn para destilar os humores supérfluos do cérebro, razão pela qual nunca se encontram sem o respectivo cartucho pendurado no pescoço.”²⁶.

As propriedades medicinais atribuídas ao tabaco podem ser, igualmente, encontradas nos escritos de Fernão Cardim, jesuíta que esteve em missão na América portuguesa no final do século XVI. A este respeito, o cronista e jesuíta lusitano profere que a “erva santa serve muito para varias enfermidades, como feridas, catarros, e principalmente serve para doentes da cabeça, estomago e asmaticos.”²⁷.

Além do cronista, outros autores portugueses versaram sobre as propriedades medicinais atribuídas ao tabaco. Português radicado no Brasil, Gabriel Soares de Souza instalou-se na colônia, mais precisamente na Bahia, entre os anos de 1570-1587 onde se tornou grande proprietário de terras e senhor de engenho. Os anos em que o proprietário português esteve na colônia deram origem ao *Tratado Descritivo do Brasil em 1587*²⁸, obra de extrema importância para o estudo da América portuguesa no final do século XVI.

Nos escritos deixados por Gabriel Soares encontram-se importantes considerações sobre a utilização da erva-santa na medicina indígena. Assim, o autor nota o uso do petume pelos nativos para “matarem com o seu sumo os vermes que se

²⁴ BARRÉ, Nicolas. *Copie de quelques lettres sur la navigation du chevalier de Villegaignon*. 1557. In: FRANÇA, Jean Marcel Carvalho. *Visões do Rio de Janeiro colonial*. Antologia de textos 1531-1800. Rio de Janeiro: José Olympio, 1999, p. 19-23.

²⁵ LÉRY, Jean de, 1534-1611. *Viagem à terra do Brasil*. São Paulo: Martins: EDUSP, 1972, p. 132.

²⁶ LÉRY, Jean de, 1534-1611. *Viagem à terra do Brasil*. São Paulo: Martins: EDUSP, 1972, p. 132.

²⁷ CARDIM, Fernão, 1540?-1625. *Tratados da Terra e gente do Brasil*. Rio de Janeiro: J. Leite, 1925, p.77.

²⁸ SOUSA, Gabriel Soares de. *Tratado descritivo do Brasil em 1587*. São Paulo: Cia. Editora Nacional : EDUSP, 1971.

criam em feridas e chagas de gente descuidada”²⁹. Além do aspecto mágico-religioso e das propriedades medicinais atribuídas ao tabaco é possível encontrar já nos escritos quinhentistas a apropriação dos colonos e viajantes do hábito indígena de fumar o petum em momentos ociosos e cheios de preguiça, que muitos autores atribuem ao clima da colônia portuguesa.

Desta forma, os portugueses Gabriel Soares e Fernão Cardim contribuíram de forma significativa para o estudo do uso recreativo do tabaco. Conforme afirma o missionário lusitano, a erva santa “he huma das delicias, e mimos desta terra, e são todos os naturais, e ainda os portugueses perdidos por ella, e tẽmpor grande vicio estar todo o dia e noite deitados nas rêdes a beber fumo, e assi se embebedão delle, como se fora vinho.”³⁰.

Gabriel Soares também notara o uso de beber fumo pelos colonos. Segundo o autor de *Tratado Descritivo do Brasil em 1587*, a erva-santa, muito estimada dos “mamelucos e dos portuguezes, que bebem o fumo dela”³¹. Mamelucos e portugueses pareciam cada vez mais se renderem a este encanto dos trópicos, costume emprestado dos indígenas, pois, segundo o autor, o “fazem muitos homens brancos, e todos os mamelucos; porque tomam êste fumo por manutenção, e não podem andar sem êle na bôca, aos quais dana o bafo e os dentes, e lhes faz mui ruins cores”.³² O petume parecia algo da terra que encantava aos que dela se embebedavam visto que, conforme o português relata, “Todo o homem que se toma do vinho, bebe muito dêste fumo, e dizem que lhe faz esmoer o vinho”.³³

²⁹ SOUSA, Gabriel Soares de. *Tratado descritivo do Brasil em 1587*. São Paulo: Cia. Editora Nacional : EDUSP, 1971, p.206.

³⁰ CARDIM, Fernão, 1540?-1625. *Tratados da Terra e gente do Brasil*. Rio de Janeiro: J. Leite, 1925, p. 77.

³¹ SOUSA, Gabriel Soares de. *Tratado descritivo do Brasil em 1587*. São Paulo: Cia. Editora Nacional : EDUSP, 1971, p.206.

³² SOUSA, Gabriel Soares de. *Tratado descritivo do Brasil em 1587*. São Paulo: Cia. Editora Nacional : EDUSP, 1971, p.317.

³³ SOUSA, Gabriel Soares de. *Tratado descritivo do Brasil em 1587*. São Paulo: Cia. Editora Nacional : EDUSP, 1971, p.206.

REFERÊNCIAS

Fontes:

BARRÉ, Nicolas. *Copie de quelques letters sur la navigation du chevalier de Villegaignon*. 1557. In: FRANÇA, Jean Marcel Carvalho. **Visões do Rio de Janeiro colonial**. Antologia de textos 1531-1800. Rio de Janeiro: José Olympio, 1999.

CARDIM, Fernão, 1540?-1625. **Tratados da Terra e gente do Brasil**. Rio de Janeiro: J. Leite, 1925.

LÉRY, Jean de, 1534-1611. **Viagem à terra do Brasil**. São Paulo: Martins: EDUSP, 1972.

LERY, Jean de. **Viagem à Terra do Brasil**. Trad. Monteiro Lobato. Companhia Editora Nacional, 1926. Obra em domínio público - Texto digitado e editado, em html, por almanaque PK.

SOUZA, Gabriel Soares de. **Tratado Descritivo do Brasil em 1587**. [me] Ministério da Educação. Obra em domínio público – Domínio Público. Biblioteca digital desenvolvida em software livre.

SOUSA, Gabriel Soares de. **Tratado descritivo do Brasil em 1587**. São Paulo: Cia. Editora Nacional : EDUSP, 1971.

STADEN, Hans. **Duas viagens ao Brasil: primeiros registros sobre o Brasil**. Trad. Angel Bojadsen. Int. Eduardo Bueno. Porto Alegre: L&PM, 2010.

STADEN, Hans, 1525-1526. **Viagem ao Brasil. Rio de Janeiro**: Oficina Industrial Graphica, 1930.

Estudos:

CEZAR, Temístocles. **Registros fundadores: as primeiras visões de estrangeiros**. História Viva (São Paulo) v. 1, p. 52-57, 2010.

FOUCAULT. Michel. **A Ordem do Discurso**. São Paulo: Edições Loyola, 1996.

FRANÇA, Jean Marcel Carvalho. **A construção do Brasil na Literatura de viagem dos séculos XVI, XVII e XVIII**. 1. ed. Rio de Janeiro: José Olympio Editora; Editora da Unesp, 2010. v.1. 543 p. *no prelo*.

FRANÇA, Jean Marcel C. ***O discreto gosto pelo cânhamo***. BrHistória, v.5, 2007.